

Sociedade Anônima Comércio e Indústria “Souza Noschese”: um estudo de caso

Tatiana Belanga Chicareli – Doutora
em Desenvolvimento Econômico –
História Econômica - UNICAMP
tatinabel@gmail.com

Resumo: Com a intenção de observar mais detalhadamente o desempenho da indústria brasileira durante as décadas de 1920 e 1930, englobando o período em que o país foi atingido pela crise de 1929 e da Grande Depressão, analisaremos os balanços contábeis da empresa produtora de artigos em ferro esmaltado, Sociedade Anônima Comércio e Indústria “Souza Noschese”, fundada na cidade de São Paulo. A indústria Souza Noschese participava, também, da atividade extrativa, utilizada como fonte de matéria-prima na produção própria, assim como possuía pontos de comercialização de produtos acabados em diferentes estados do Brasil. A atuação da empresa em mais de um processo produtivo e de forma abrangente é característico da empresa com o tipo de verticalização ou integração vertical, o que torna um estudo de caso interessante para complementar a bibliografia já existente sobre a industrialização. Através da análise dos balanços contábeis da firma, em termos de Lucratividade, Investimento, Produção e Financiamento, será possível identificar algumas características que mostram a velocidade da diversificação e crescimento do setor metalúrgico no parque industrial paulista da época.

Abstract: In an attempt to observe more closely the performance of the Brazilian industry during the 1920s and 1930s, covering the period when the country was hit by the crisis of 1929 and the Great Depression, we analyze the earnings reports of the production company's articles of iron enameled Sociedade Anonima Trade and Industry United Souza Noschese, founded in São Paulo. Industry Souza Noschese participated also in extractive activities, used as a source of raw material in the production itself, and had points of marketing the finished products in different states of Brazil. The company's operations in more than one production process and comprehensive manner is characteristic of the company with the kind of vertical integration, which makes an interesting case study to complement the existing literature on industrialization. By analyzing the financial statements of the firm in terms of profitability, investment, production and financing, it will be possible to identify some features that show the speed of diversification and growth in the metallurgical sector in the industrial park Sao Paulo at the time.

Introdução

Com exceção do estudo de Warren Dean¹, o qual caracteriza a atividade industrial brasileira no período anterior à década de 1930 como um processo de industrialização mais abrangente, as demais correntes caracterizam-na como um período de crescimento industrial. Além disso, há que se imputar aqui uma outra influência em tal análise: a teoria econômica marxista. Esta interface é sentida, particularmente, na vertente do *capitalismo tardio*, especialmente os estudos de Sérgio Silva e Cardoso de Mello. Ou seja, para estes, só se define um processo de industrialização (pesado) quando este passa a se integrar verticalmente, tendo como liderança o ramo de *bens de capital*, cujo papel é garantir a autodeterminação do capital.

Assim, há certo consenso na literatura abordada no que toca à periodização desta atividade industrial, isto é, 1930 é um marco divisório para a transição de uma etapa de crescimento industrial para o processo de industrialização propriamente dita. A nosso ver, é inegável a data de 1930 como marco divisório na transformação no padrão de acumulação de capital no país. Contudo, há se discutir melhor tal caracterização.

Em primeiro lugar, há que distinguir tal processo em duas grandes fases, definindo assim uma macro-periodização: o crescimento industrial no período anterior à década de 1930 e o que tem naquela década seu ponto de inflexão. No crescimento industrial do primeiro período, caracteriza-se como crescimento industrial induzido pelo setor exportador, porém não necessariamente linearmente. A nosso ver, tal período enseja, não somente análise da dinâmica industrial, mas sim, uma inter-relação desta dinâmica e o processo de urbanização em curso desde a segunda metade dos oitocentos, particularmente, nas regiões cafeeiras, as quais demandaram um novo tipo de relação social de produção, isto é, regime de trabalho livre e assalariado, em seus principais núcleos urbanos.

O processo de urbanização que o país sofre a partir da década de 1860, está relacionado à interface do setor exportador com a melhoria e modernização da logística – transporte e comércio –; do aumento da produtividade do cafeeiro, com a introdução de maquinário e novos equipamentos; e, introdução, especialmente, no chamado “Oeste Paulista”, do trabalhador livre como principal força de trabalho do setor agroexportador. Tal introdução criou as condições para a produção mercantil de alimentos, que, por conseguinte, dinamizou as relações mercantis, contribuindo para a criação de uma rede de centros urbanos voltados para o abastecimento regional.

¹ (DEAN, 1971)

A demanda do setor exportador por maximização dos lucros – o aumento de produtividade – e minimização dos custos – melhoria da rede de transporte e comunicação com o objetivo de aumentar a carga transportada mediante a diminuição das perdas e o barateamento do preço do transporte – criou condições favoráveis para a produção industrial. Soma-se a isto a transferência de capital do setor exportador para os centros urbanos, cujo crescimento deriva do aumento e melhoria da demanda por bens e serviços – imóveis, comércio, bancos, saneamento, saúde, educação, transporte etc. – os quais também vão constituir um importante fator para a produção industrial.

Deste modo, é possível reinterpretar a atividade industrial brasileira no período anterior à década de 1930 de dois modos: de um lado, dialogando com a teoria econômica que versa sobre a dicotomia crescimento X desenvolvimento econômico, colocando-se no campo “desenvolvimentista”, isto é, a indústria que se desenvolveu ao longo daquele período foi fator importante para a transformação do próprio setor exportador, bem como parte fundamental no processo de urbanização em curso².

De outro lado, dialogando com a teoria econômica marxista, caracteriza-se como um crescimento industrial, ainda não capitalista, portando, ainda não industrialização *strictu sensu*.

No caso brasileiro do período em questão, os teóricos marxistas e, também os teóricos *do capitalismo tardio* alegam que, não obstante a transição das relações de produção escravista para a capitalista, não pode caracterizar-se como um processo de industrialização, pois as condições sociais e econômicas ainda não estão definidas, ou seja: no regime de trabalho, a abolição não havia transformado as relações de produção no campo em termos capitalistas, isto é, prevalecia relações précapitalistas livres³ – meeiro, posseiro, colono –; no que toca à estrutura industrial, argumentam que predominava o ramo de *bens de consumo assalariado* e que portanto, constituía-se uma indústria incompleta⁴; em termos jurídicos, não obstante a constituição republicana engendrar um Estado do tipo burguês, este estava ainda em fase de implantação⁵; por fim, não havia, segundo eles, um mercado nacional integrado que pudesse subordinar os demais setores da economia aos desígnios do capital industrial⁶.

² Os teóricos do crescimento alegam que a indústria não assumiu papel transformador, estando esta apenas subordinada aos interesses e reflexos do setor exportador.

³ Sobre a discussão no campo do marxismo da transição do trabalho escravo para o livre no Brasil, consultar principalmente: (MARTINS, 1979), (GORENDER, A escravidão reabilitada, 1990), (GORENDER, O escravismo colonial, 1988).

⁴ Ver principalmente: (SILVA, 1976) e (CARDOSO DE MELLO, 1986)

⁵ Ver principalmente: (SAES D. A., 1985)

⁶ Ver principalmente (CANO, 1977)

Em verdade, na afirmativa destas teorias, naquele período havia ainda muitas barreiras que dificultavam a integração do mercado em bases capitalistas e, ademais, era a demanda externa que subordinava os demais setores da estrutura produtiva. Todos estes fatores impediam uma transformação da sociedade brasileira rumo a consolidação do modo de produção capitalista, sendo este maturado e consolidado, de acordo com àquelas vertentes, após a década de 1930. Segundo a *ótica do capitalismo tardio*, o período que marca a crise da abolição e constituição da República até 1930, em termos econômicos, limita-se ao nascimento do capital industrial, o qual esteve atrelado ao setor exportador.

Não obstante as características apontadas por aquelas correntes estarem corretas, isto é, as relações de produção pré-capitalista no campo, embora nas cidades a predominância do assalariamento; estrutura industrial puxada pelo ramo de *bens assalariados*; Estado burguês ainda em formação e; o mercado nacional não integrado sob formas capitalistas; não os permitiu um maior detalhamento da estrutura industrial ao longo do período, principalmente anterior a 1930. Um bom exemplo, é a própria diversificação na estrutura industrial que se verifica, como bem apontou Suzigan em seu estudo⁷. Mais do que isso, há que se afirmar que o capitalismo como modo de produção dominante está se maturando nas regiões cafeeiras – principalmente em São Paulo. Para ficar apenas na análise da estrutura industrial que é objeto de estudo desta tese, é possível analisar suas transformações da seguinte forma: em primeiro lugar, é notório que a grande indústria fabril têxtil, se dissemina pelo território brasileiro a partir da década de 1860. Contudo, e principalmente, nas regiões cafeeiras, ocorreu uma articulação entre agricultura e indústria que ultrapassa os limites da simples produção de artigos de consumo leves⁸.

Suzigan divide em dois subperíodos o desenvolvimento industrial brasileiro anterior à década de 1930⁹. No primeiro, até a Primeira Guerra Mundial – 1914/1918 – a implantação do setor industrial ligava-se diretamente à demanda agroexportadora, a qual induzia investimentos tanto no setor de consumo, como no de produção vinculado ao aumento de produtividade e logística do produto principal.

Neste período os *linkages* de produção se resumia a indústrias de insumos, tais como maquinaria, peças e implementos para o setor exportador; processamento ulterior de produtos de exportação, tais como beneficiamento de café, açúcar, etc.; e, a partir dessa articulação –

7 (SUZIGAN, Indústria brasileira: origem e desenvolvimento, 1989)

8 É verdade que a indústria fabril têxtil surgiu bem anteriormente à década de 1860. A respeito da análise da indústria têxtil, consultar: (STEIN, 1979)

9 Abordagem escudada na análise de (SUZIGAN, Indústria brasileira: origem e desenvolvimento, 1989 pp., 363-370).

agricultura de exportação e indústria – a indução para o desenvolvimento e modernização do setor de transporte – ferrovia e navegação – bem como à diversificação e crescimento das atividades urbanas. Além disso, no correr das décadas de 1900 e 1910, o investimento na indústria de transformação passa a também ser induzido pelas necessidades de insumos da própria indústria de transformação. Neste sentido, começam a se desenvolver indústrias “novas” para a fabricação desses insumos, tais como sacos de algodão para ensacar farinha de trigo e açúcar; garrafas de vidro para suprir as necessidades de embalagens de cerveja e demais bebidas; latas para acondicionar fósforos, cigarros e alimentos; maquinaria simples como tornos, equipamento têxtil e peças, pequenos motores, etc..

No segundo período, a partir do final da Primeira Guerra e principalmente, no correr da década de 1920, não obstante a indústria de transformação depender ainda em grande parte da indução do setor exportador, o padrão de desenvolvimento industrial tornou-se mais complexo. Com efeito, isso pode ser explicado pelo fato de que durante a guerra a escassez de matérias-primas e insumos básicos, incluindo maquinaria e equipamento, tornou claro que a produção industrial interna teria de ser diversificada para abranger esses produtos.

Desta forma, pode-se afirmar que, a guerra estimulou uma maior diversificação da estrutura industrial, mesmo que essa ainda tivesse atrelada à expansão do setor exportador. Dito isto, os investimentos industriais se expandiram em direção ao ramo de *bens intermediários* – notadamente – cimento, aço, papel e celulose, borracha e derivados, química; além de setores vinculados ao ramo de *bens de capital*, tais como maquinaria e equipamentos. Soma-se a estes, produtos de seda e raiom. Ademais, investimentos adicionais foram também realizados para ulterior processamento de “novos” produtos de exportação, como por exemplo, óleo de caroço de algodão, carne resfriada e produtos derivados da carne; bem como a expansão da capacidade de produção de algumas das indústrias “tradicionais”, ou seja, têxteis de algodão e de lã, açúcar, calçados, moagem de trigo e cervejarias. Em resumo, a diversificação industrial a partir da Primeira Guerra Mundial e ao longo dos anos de 1920, iniciara ali uma mudança estrutural na economia brasileira¹⁰.

Assim, através de tal diagnóstico, pensamos ser lícito caracterizar a atividade industrial no período descrito como a preparação do processo de industrialização restringida, consolidando-se a partir da década de 1930. As bases da dinâmica da atividade industrial se

¹⁰ É indiscutível, portanto, que há uma profunda descontinuidade entre essas indústrias de bens de produção e as que surgem na década de 20: a *pequena indústria do aço*, a indústria de cimento, a fabricação de motores elétricos, de máquinas para indústria do açúcar, de máquinas têxteis, etc. E é certo, também, que este desenvolvimento do departamento de bens de produção, ainda que limitado, adquire importância crucial para o futuro, na medida em que é condição fundamental para que, mais adiante, o capital industrial possa se reproduzir de modo relativamente independente do capital mercantil exportador. (AURELIANO, 1981, p. 46)

diversificam, criando e recebendo os efeitos multiplicadores tanto do setor exportador quanto da urbanização em curso. É escudada na divisão social do trabalho e estimuladora da predominância do trabalho assalariado, pelo menos nos núcleos urbanos.

Todavia, tal processo encontra-se limitado. As razões para este limite são justamente os fatores apontados tanto pela *óptica do capitalismo tardio* como para a teoria marxista, exclusive no que diz respeito à estrutura industrial. Ou seja, reflexo do setor externo; relações de produção no campo pré-capitalista; mercado nacional não integrado; formação incipiente do Estado burguês.

No que toca à industrialização a partir da década de 1930, corrobora-se com as vertentes analisadas as quais caracterizam o período como um processo de industrialização (ainda que restringida) conduzido pelo Estado, tendo no capital estrangeiro e no capital privado nacional as bases de sustentação daquele desenvolvimento. Trocando em miúdos, tal processo se enquadra num típico caso de uma industrialização retardatária. Ao Estado cabia, de um lado assegurar o aparato jurídico que regulamentava a organização de um mercado capitalista em base nacional e a força de trabalho conforme as exigências do Estado capitalista; de outro intervém na economia, operando os ramos industriais – notadamente de *bens intermediários* – os quais o capital privado nacional não tinha capacidade de investir. No que toca ao capital estrangeiro, principalmente a partir da segunda metade da década de 1950, seus investimentos predominaram nas indústrias do ramo de *bens de capital*. Acerca do capital privado nacional, sua atuação predominou nos ramos industriais de *bens de consumo assalariados*. Todavia, não se pode analisar rigidamente a distribuição dos agentes nos investimentos industriais. Por exemplo, havia grupos estrangeiros atuando no mercado de consumo leves e principalmente, após a década de 1950, há a formação de conglomerados privados nacionais atuando nos ramos de *bens de capital e intermediários*.

Portanto o processo de industrialização pós-1930 se dividiu em duas fases, de acordo com a *teoria do capitalismo tardio*. A primeira, o que eles chamaram de *industrialização restringida*, período que engloba as décadas de 1930, 1940 e primeira metade da de 1950. A outra, denominam de fase da *industrialização pesada*, que vai de 1956 a 1980. A partir da década de 1980, tal modelo de industrialização entra em colapso, devido principalmente à crise dos juros da dívida externa e as transformações tecnológicas nos países desenvolvidos que se maturaram na década de 1970 e que impôs uma reestruturação no mercado mundial e que culminou em termos de economia política na imposição de uma agenda liberal ortodoxa em que os países do capitalismo central ditavam as regras de uma nova divisão internacional do trabalho, obrigando as economias periféricas a abrirem seus respectivos mercados.

Essa periodização pode ser reformulada, pensando o período 1930/1956 entendido como *industrialização restringida* somar-se-ia ao período pré-1930, pois é a partir da Primeira Guerra que já começa a se transformar qualitativamente a estrutura industrial. A década de 1930 vem a consolidar, portanto, o processo, o qual se caracteriza por industrialização restringida. O reconhecimento de que, principalmente os 1920, presenciaram um crescimento industrial vigoroso, não necessariamente tem de se opor ao caráter “revolucionário” das mudanças de 1929/30. A partir de 1956, este sim, é que altera profundamente a estrutura industrial brasileira.

O que se pretende afirmar é que no tocante a trajetória da atividade industrial no Brasil houve ruptura, mas também houve crescimento e diversificação suficiente na década de 1920 para induzir uma conclusão precipitada do aspecto de continuidade dos dois períodos (pré e pós-30). Os ramos e setores industriais implantados anteriormente fizeram-se maturar no período subsequente. 1930 seria, então, o marco da consolidação do capitalismo no Brasil, cujo movimento de transformação da atividade industrial que já vinha acontecendo se consubstanciou a partir da consolidação do regime burguês.

Sumariamente, a polêmica trata, principalmente, de trabalhos que colocam em questão a interpretação clássica, seja dando maior importância para a década de 1920, seja por redefinição do significado dos anos 1930.

Produção, fontes de crescimento, financiamento e lucratividade de indústria paulista

Com a intenção de observar mais detalhadamente o desempenho da indústria brasileira nas décadas de 1920 e 1930, incluindo o período em que o país foi atingido pela crise de 1929 e da Grande Depressão, a análise dos balanços¹¹ contábeis de firmas que permaneceram ativas, produzindo durante essas décadas, vem a ser uma fonte de dados importante, e pouco utilizada.

A importância de analisar demonstrações contábeis é pelo menos tão antiga quanto à própria origem de tais peças. O relacionamento entre os vários itens do balanço e das demais peças contábeis publicadas é de interesse para os investidores e financiadores. Para o primeiro grupo o interesse está ligado à capacidade de retorno, para o segundo, o risco em conceder

¹¹ Para efeito do presente trabalho, é incluído na expressão *Análise de Balanços* não apenas o *Balanço Patrimonial*, propriamente dito, como também a *Demonstração dos Resultados do Exercício*. Lembrando que para a época não existia uma padronização - exigida por lei - acerca das informações e ordenação destas ao serem apresentadas nos registros, fato este que dificulta a análise dos balanços, assim como exige um ajuste em termos e métodos de análises para cada caso.

empréstimos. Esta é a visão tradicional resumida do significado análise de balanços. No entanto, a análise de balanços tradicional não se aplicada à maioria, se não todas, as firmas industriais do Estado de São Paulo do início do século XX, onde há uma enorme disparidade entre o conteúdo e a forma de organização dos registros contábeis.

Deste modo, no presente trabalho, a análise de balanços será aplicada como uma arte de extrair relações úteis para os objetivos analíticos e econômicos que interessam. Embora existam alguns cálculos razoavelmente formalizados, não existe forma científica ou metodologicamente comprovada de relacionar índices de maneira a obter um diagnóstico preciso. A metodologia de análise foi criada com o intuito de averiguar, nessas duas décadas, a evolução da produção e do investimento das empresas, as fontes de financiamento e o índice de lucratividade dessas. Utilizando-se desses itens é possível verificar, através do instrumental empírico, se houve crescimento da indústria durante a década de 1920, e como este se diferenciou do crescimento pós-crise de 1929 e da Grande Depressão.

Sociedade Anônima Comércio e Indústria “Souza Noschese”

A empresa “Souza Noschese”, fundada em 1920 na cidade de São Paulo, operou na produção de artigos de ferro esmaltado para uso doméstico. A firma teve um bom desempenho e mesmo nos momentos de crise não chegou a apresentar prejuízos. Nos anos em que os lucros foram reduzidos, investimentos em andamento permaneceram paralisados, por prudência, segundo consta em relatórios, assim como não ocorreu a distribuição de dividendos.

No início da década de 1920, os impactos da Primeira Guerra ainda eram sentidos, como mostra o relatório da Diretoria a ser apresentado à assembléia geral ordinária em início de 1922, relativo ao ano de 1921:

“[...] Como vereis pelo balanço e pela demonstração de lucros e perdas, o ano findo, se bem que fizéssemos durante ele transações regulares, não produziu senão o necessário para equilibrar as grandes perdas que nós, assim como todos comerciantes, tivemos de suportar, pela baixa do cambio, pela remessa de restante de mercadorias pedidas ainda durante a guerra, cujos pedidos as fábricas não quiseram anular e os remeteram nesse ano, em que estavam mais desafogadas de encomendas, e pela desvalorização do stock, vindo assim com um cambio tão desfavorável.

A pressão da crise comercial interna, a falta de negócios correspondentes ao empate de capital, fez com que as mercadorias recebidas ficassem mais caras do que se encontravam na praça, devido às necessidades de algumas firmas de forçarem as vendas para atenderem os seus compromissos.

As liquidações de cambio que fizemos para cobrir as mercadorias recebidas, acarretaram centenas de contos de prejuízo, além de no balanço sermos forçados a reduzir o preço das mercadorias em stock, e isto em todas elas como em todas as secções da sociedade.

Achamos que devíamos fazer a maior redução possível no ano findo, para ver se no corrente ano, se não houve necessidade de maior baixa no valor dos stocks, termos uma compensação, visto como as liquidações de cambio estão terminadas, sendo diminuto o nosso debito em moeda estrangeira.

As fábricas, apesar das mesmas dificuldades, como têm uma grande parte do serviço nosso, deram o resultado de quase 200:000\$000, mas a secção de atacado, que depende exclusivamente das importações, consumiu os lucros obtidos pelas fábricas.

Apesar de certas dificuldades pelo retraimento dos estabelecimentos bancários, não foi preciso pedir aos srs. Aos acionistas, para chamar os restantes 400:000\$000, de entradas a realizar, que ainda nos restam, e temos ainda em carteira a importância de 233:750\$000 em debêntures.

Pagamos os juros das debêntures, vencidos em Junho, e resgatamos em Dezembro 50:000\$000 de debêntures, de acordo com o nosso contrato de emissão, e vamos pagar em breve os juros vencidos em Dezembro.

Os nossos serviços correm, portanto, muito regularmente.”¹²

Esta firma se diferencia por trabalhar com agências comerciais, ou seja, pontos de distribuição de produtos de fabricação e importação no atacado e no varejo Estado de São Paulo. Esses pontos localizam-se em Santos, Curitiba e Rio de Janeiro. Esta característica acrescenta uma importante nota sobre o setor metalúrgico expandindo produtos para outras regiões do país quando mesmo em São Paulo era de pouca representatividade frente à gigante têxtil.

Em 1923, apresentado no relatório referente ao ano de 1922, decidiu-se extinguir as secções comerciais e dar prioridade à produção industrial:

“[...]Situação Econômica: Os balanços anteriores acusavam uma situação estável nos valores econômicos, devido às conseqüências da grande guerra, as quais fizeram sentir fortemente nos primeiros anos após a paz, e infelizmente se prolongam com a situação incerta da Europa.

Tendo resolvido liquidar as secções de atacado e varejo, para nos dedicarmos exclusivamente de nossas indústrias, paralisamos os negócios dessas secções, procurando dispor somente das mercadorias existentes. Não foi possível devido a isso, dar todo o desenvolvimento que pretendíamos das nossas indústrias para auferir maiores resultados e tornar ainda mais próspera a situação econômica: nessa transição se acumulam grandes despesas para as indústrias, sem se poder, contudo, produzir a quantidade necessária para mais elevados lucros.

¹² (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 10 de Março de 1922, p. 1760)

Situação Industrial: Como acima fizemos uma referencia, tendo resolvido terminar com as secções de atacado e varejo, foi intenção incrementar fortemente a nossa produção industrial e para isso tivemos de procurar alargar e reformar as fábricas, comprando todos os terrenos e casa anexos, construímos e estamos construindo muitas outras em nossas oficinas, as quais nos auxiliarão grandemente no aumento da produção. Este fato aumentou os valores materiais de prédios e terrenos, de maquinismos, acessórios e modelos, porém pretendemos empregar muito mais nessa parte, pois é a garantia do espaço para o futuro e do aparelhamento para produzir o quántuplo do que agora produzimos, por isso que a procura dos artigos de nossa fabricação aumenta diariamente.

Desenvolvemos a produção de artigos de ferro batido estanhado, duplicando a nossa produção anterior, inclusive a montagem do tudo o que foi necessário para a produção de bacias, com as quais entramos no mercado, vendendo todas quantas podíamos produzir com as matérias primas que recebíamos.

Para tudo isso tivemos de apressar a reforma e modificação do prédio central e da fabrica, de modo que o trabalho se pudesse fazer normalmente.

É claro que nessas condições estamos imobilizando muito nas instalações gerais, para que possamos produzir muito mais, pois o nosso país precisa de muitas fábricas para atender as suas necessidades, importando somente as matérias primas e estas mesmas as que não possam produzir em nosso meio”.¹³

Como se pode verificar através dos relatos, existia nos anos iniciais da década de 1920, uma intenção e consciência de que o país necessitava desenvolver sua indústria, e a empresa “Souza Noschese” atuou na produção e promoveu investimentos. A intenção de substituir os importados era clara, assim como a demonstração de que a indústria estava crescendo e diversificando-se já nesta década.

“[...] Situação Industrial: Apesar da falta de operários e além deficiência dos que aparecem, nos misteres necessários às nossas fabricações sendo necessário primeiro ensiná-los antes que eles possam produzir com lucro para a nossa sociedade, pagando ainda bons salários em consideração à carestia da vida, conseguimos, por um esforço ingente, produzir mais 5.000 contos de réis de produtos.

Se o resultado final não foi mau, economicamente, foi devido à economia com que trabalhamos com relação à produção que fizemos, pois, comercialmente, os preços não corresponderam ao aumento do custo das matérias primas e dos salários dos operários.

O preço da louça de ferro fundido, estanhado e esmaltado, a parte forte da nossa produção, conservou-se o mesmo que anteriormente, quando o ferro gusa passou de 200\$000 para quase 400\$000 e o koke de fundição de 100\$000 para 250\$000, por tonelada. Como os salários dos operários está pelo duplo do que pagávamos anteriormente, era claro que o preço da louça de ferro fundido deveria ter igualmente subido, visto como a mesma louça importada da Inglaterra fica atualmente por duas vezes e meia ou mesmo três vezes mais do preço pelo qual a vendemos.

Entretanto nos esforçamos por manter o mais possível os preços, porque não achamos justo que a indústria nacional em vez de facilitar a vida, a venha tornar mais cara

¹³ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22 de Fevereiro de 1923, p. 1413)

equiparando os seus preços com os preços com os preços das importações, quando não pedem, ainda o aumento da taxa da tarifa para garantir a elevação do preço do produto da Indústria nacional.

Estamos remodelando os nossos modos de trabalho, procurando produzir muito mais a fim de ver se ficando inteiramente livres das contingências financeiras, poderemos melhor recompensar os Srs. acionistas com as distribuições de melhores dividendos”.¹⁴

Ao que indicam também os relatos, a indústria também participava da atividade extrativa, como fonte de matéria-prima na produção própria. Deste modo, a atuação da empresa em vários setores do processo produtivo, de forma abrangente, é característico da empresa com o tipo de verticalização ou integração vertical. Controla desde a produção de matérias-primas até a confecção final do produto. A indústria Souza Noschese atuava na extração do minério de ferro, levado para a fundição, resultando em ferro que era modelado em produtos semi-acabados ou produtos finais a serem por ela mesma comercializados.

Com relação ao balanço patrimonial do ano de 1924:

“[...] Situação Financeira: é com prazer que temos a notar a continuação da vantajosa situação financeira que, desde o ano 1822, vimos mantendo.

[...] A aquisição da jazida de ferro em Minas Gerais e a Cachoeira dos Antunes, que futuramente fornecerá à Usina, a energia elétrica, importou em réis 117:374\$200.

[...] Situação econômica: já em 1924 acentuávamos, em nosso relatório, a necessidade do aumento do nosso capital social. Tendo-se feito sentir, ainda mais, este ano essa necessidade, a Diretoria submete à deliberação dos Srs. Acionistas um projeto de aumento, para 5.000.000\$000 do atual capital de 2.000.000\$000 réis.

[...] Situação industrial: Se, sob o ponto de vista da qualidade do artigo, a nossa indústria tem progredido constantemente, o nosso desenvolvimento industrial ainda não está, sob o ponto de vista de quantidade da produção, a par do incremento tomado pelos nossos negócios.

Ultimamente, porém, como conseqüência dos sucessos do sul do País, um dos maiores mercados para o nosso produto, as vendas sofreram uma ligeira diminuição, o que permitiu à Fábrica atender a grande quantidade de pedidos em atraso. Com a volta à normalidade é de se esperar, entretanto, que a quantidade de pedidos volte a ultrapassar o volume de produção atual, e prevendo isso, a Diretoria não tem poupado esforços no sentido de, aumentando ainda mais sua produção, aparelhar-se a nossa empresa para continuar, sem entraves, a progredir e engrandecer-se.”¹⁵

Em 1928 a empresa apresentava 374 operários e tinha uma capacidade instalada de força motriz de 629 H.P. Nos anos que se seguiram, com a eclosão da crise de 1929 e da Grande Depressão, tanto o número de funcionários como de força motriz instalada foram

¹⁴ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 31 de Janeiro de 1924, p. 901)

¹⁵ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22 de Março de 1925, p. 2345)

reduzidos, apresentando, porém, uma rápida recuperação nesses termos como mostra a tabela abaixo:

TABELA I. Capital, Operários e força motriz – Noschese

Sociedade Anônima Comércio e Indústria "Souza Noschese"			
	Capital	Nº de operários	Força Motriz
1928	2.000.000,000	374	629
1929	4.600.000,000	351	500
1930	2.000.000,000	315	515
1931	2.000.000,000	370	315
1932	1.200.000,000	402	380
1933	2.200.000,000	522	380
1934	5.040.315,000	515	500
1935	5.048.369,000	545	651
1936	6.414.962,000	520	631
1937	7.134.438,000	526	680

Fonte: Tabela elaborada pela autora/ (DEIC SAIC/SP Estatística Industrial do Estado de São Paulo)

Nota: No valor do capital estão incluídos debêntures e fundos de reserva.¹⁶

A força motriz instalada, em 1931 o valor cai drasticamente para 315 H.P, seguindo 1932 e 1933 na casa dos 380 e a partir de 1934 voltando ao nível superior a 500 H.P. Totalizando para o período 1928-37 um acréscimo de 8,1% em termos de força motriz instalada.

O número de operários cai de 374 em 1928 para 315 em 1930, em 1931 voltando a 370 e a partir de então seguindo uma trajetória de sucessivos aumentos, chegando ao ano de 1937 a empregar 526 operários, um crescimento de 40,6% entre 1928 e 1937.

Produção

A produção, representada pelo faturamento bruto verificado nas vendas da Sociedade “Souza Noschese”, evidencia o comportamento positivo da empresa ao longo das duas décadas. Os negócios prosperaram bastante entre 1922 e 1925, sofrendo com uma crise em 1926:

“[...]Foi grande como haveis de notar o declínio que tiveram os nossos lucros, no exercício findo.

¹⁶ Esta informação consta como nota em alguns dos anos relativos à coletânea de dados das Estatísticas Industriais, 1928-37. Dada a probabilidade de uma possível imprecisão numérica deste documento, os valores não acompanham fielmente a variação do capital apresentado nos registros contábeis das firmas; o que não impede, no entanto uma análise consistente.

Tão recente são as causas que determinaram a considerável redução de negócios, e tão presentes estão elas, por certo, ainda, no espírito de todos, que julgamos ocioso rememorá-las aqui.

Com efeito, a crise sem precedentes que veio, tão fundamente alterar a situação dos mais firmes e prósperos estabelecimentos, não poderia deixar de fazer sentir também as suas conseqüências, na nossa indústria.

Os estados do sul que sempre constituíram um dos mais seguros mercados para os nossos produtos, foram durante o ano todo, teatro dos graves acontecimentos que vieram paralisar totalmente a sua vida comercial.

Essa paralisação não foi, entretanto, senão pequeno acidente, ante a formidável crise geral que se estendeu por todo o país, que atingiu a todos os ramos da indústria e do comércio.

Felizmente, no último mês, a situação teve sensível melhoria, que fez crêr num breve regresso a normalidade, o que aliás, é de esperar, visto terem cessado as causas que mais diretamente concorreram para crise¹⁷.

TABELA II. Produção – Souza Noschese

Sociedade Anônima Comércio e Indústria "Souza Noschese"					
Produção					
Anos	Índice	Valor da produção nominal	Valor da produção real	Variação valor da	Variação real
1920	0,668	685.320,765	685.320,765	100	100
1921	0,524	160.468,900	204.567,224	23	30
1922	0,541	762.127,480	941.037,258	111	137
1923	0,751	1.491.280,490	1.326.465,203	218	194
1924	0,713	1.622.080,647	1.519.705,291	237	222
1925	0,881	1.207.789,771	915.781,574	176	134
1926	0,817	636.240,849	520.206,716	93	76
1927	0,772	1.116.430,187	966.030,265	163	141
1928	0,851	1.215.680,400	954.259,115	177	139
1929	0,785	1.264.205,123	1.075.782,194	184	157
1930	0,649	1.237.926,431	1.274.167,729	181	186
1931	0,698	1.732.065,320	1.657.621,252	253	242
1932	0,698	1.736.083,141	1.661.466,387	253	242
1933	0,718	2.785.250,951	2.591.291,971	406	378
1934	0,754	3.618.871,864	3.206.109,291	528	468
1935	0,780	4.377.604,416	3.749.025,320	639	547
1936	0,834	4.538.665,248	3.635.285,834	662	530
1937	0,864	4.570.890,591	3.533.975,596	667	516

Fonte: Tabela elaborada pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

Nos meses que precederam os impactos da crise de 1929 e da Grande Depressão, já em 1928, os relatórios apresentavam a insatisfação com atual realidade da indústria, ainda impactantes da crise de 1925.

“[...] foram ainda muito reduzidos os lucros que alcançamos nesse ano. Várias circunstâncias concorreram para tal. Entre elas, sobretudo, a de perdurar ainda a crise que desde 1925 vem atravessando o comércio e as indústrias. Temos trabalhado incansavelmente para adaptar nossas indústrias a este novo estado de coisas, cuja duração não se pode prever. Não foi possível ainda iniciar os trabalhos de nossa Usina, em

¹⁷ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 19 de Fevereiro de 1927, p. 1622)

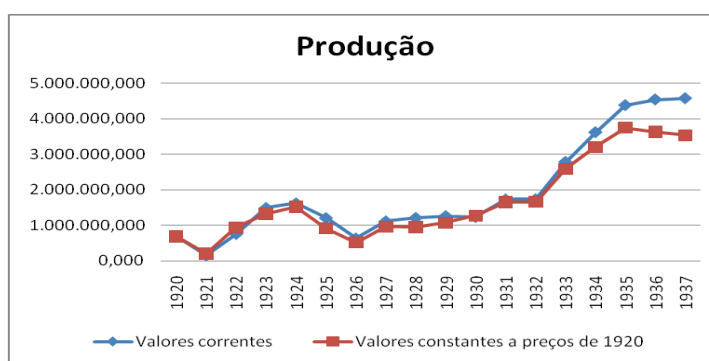
Brumadinho, tendo mesmo, como medida de prudência, sido suspensos todos os trabalhos de instalação que vínhamos executando. Esperamos que os novos artigos que estamos agora fabricando, todos eles de grande aceitação, possamos, nos anos vindouros auferir melhores lucros na nossa indústria.”¹⁸

Os valores da produção, no entanto, mantiveram-se elevados, mas como pode-se observar, a produção a partir de 1931 apresenta uma trajetória crescente de grandes proporções. Em 1931 o cenário apresenta-se diferenciado, o valor da produção com relação ao de 1928 é 42% superior em termos nominais e 74% maior em termos reais. Permitindo a distribuição de dividendos, permanecendo, no entanto, suspensos os trabalhos iniciados na Usina “Souza Noschese”.

“É com grande prazer que vimos chamar vossa atenção para o desenvolvimento que tiveram nossos negócios ao ano transato, desenvolvimento esse que foi causa de sensível melhoria de nossa situação econômica.”¹⁹

Como pode-se notar, através da análise da produção para a indústria Souza Noschese, havia o esforço e a intenção de expansão dos negócios, da produção industrial para atender o mercado nacional. Havia também o esforço de investimento, verificado nos relatos, que resultaram no crescimento industrial da década de 1920, ainda mediante as crises de grandes proporções, que finalmente, na década de 1930, pôde crescer e expandir-se aos moldes de um processo de industrialização.

GRÁFICO I. Produção – Souza Noschese



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

A tendência do surto de prosperidade continua em 1932, em termos do valor da produção, em crescente ascendência e a cada ano relatado com satisfação,

“[...] podereis avaliar a extraordinária melhoria de nossa situação, melhoria mais considerável ainda se considerada a anormalidade da situação dentro da qual vem envolvendo os nossos negócios.”²⁰

¹⁸ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 27 de Março de 1929).

¹⁹ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Fevereiro de 1932).

“[...] a procura de nossos produtos em todos os mercados consumidores do país, vem aumentando progressivamente, levando-nos, este fato a procurar desenvolver cada vez mais, nosso aparelhamento industrial.”²¹

Investimento e fontes de crescimento

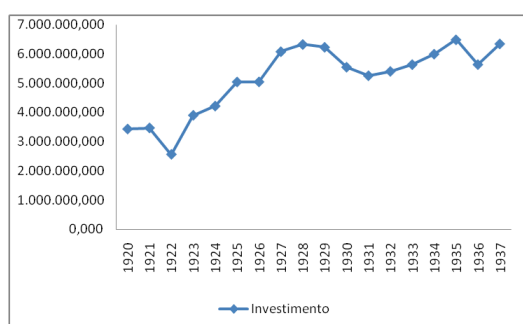
Com relação aos investimentos, o ativo imobilizado da empresa era composto por imóveis, máquinas e acessórios e móveis e utensílios, assim como os estoques de matéria-prima, produtos em fabricação e acabados. As agências comerciais apresentavam valores correspondentes a um estoque de produtos acabados e móveis e utensílios, ou seja, o processo produtivo concentrava-se somente em São Paulo, e as diferentes localidades funcionavam como meios de extração e distribuição.

Os investimentos iniciados em 1923 com a aquisição de uma jazida de ferro e uma Cachoeira em Minas Gerais e em 1924 uma usina no município de Piratini, próximo de Pelotas – Estado do Rio Grande do Sul permaneceram praticamente dez anos paralisados.

“[...] já estão sendo atacados, como toda a regularidade, os serviços para a instalação da Usina “Souza Noschese”, estando também iniciadas as construções de várias casas para os operários”.²²

“Usina “Souza Noschese”: continuam ativamente os trabalhos de instalação dessa Usina. Esperamos que, dentro de alguns anos, estaremos aptos para iniciar os trabalhos de extração. Usina “São Cristovão”: uma extensa jazida de estanho que aos técnicos que lá estiveram para os estudos preliminares, afigura-se de notável vulto pela riqueza e qualidade do minério”.²³

GRÁFICO II. Investimento – Souza Noschese



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

A produção pode ser aumentada e os custos reduzidos através de instalação de novo aparelhamento industrial:

²⁰ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 26 de Fevereiro de 1933).

²¹ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 28 de Fevereiro de 1935).

²² (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22 de Março de 1925, p. 2345)

²³ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Março de 1926, p. 2132)

“Se a crise nos acarretou, como a todo comércio e indústria graves prejuízos, trouxe-nos também benefícios, que só futuramente poderão ser devidamente avaliados. Entre esses figura, em primeiro plano, o de ter concorrido, como incentivo poderoso que foi, para melhoria do nosso aparelhamento industrial, graças a qual a nossa produção pode ser aumentada consideravelmente, e os custos de fabricação dos nossos artigos foram grandemente reduzidos”.²⁴

“Deveis notar porém, que nos encaminhamos definitivamente no ramo que as indústrias modernas procuram tomar: - o da grande produção e do aproveitamento máximo da matéria-prima, visando a obtenção de um custo mínimo que permita ao industrial vender seus produtos por preço reduzido, incrementando assim as vendas e evitando o aparecimento de novos concorrentes.

Assim, embora tivessem surgido oportunidades para se melhorarem os preços de alguns de nossos produtos – delas não quisemos aproveitar, convictos de que, qualquer majoração de preços poderia ser contraproducente, não só pels embargos que poderia acarretar a difusão dos artigos, como também pelo estímulo que poderia dar ao aparecimento de novos concorrentes.”²⁵

A necessidade de expansão física da indústria é também aparente:

“[...] Com o grande desenvolvimento das nossas indústrias, tornara-se demasiado acanhado o espaço ocupado pela nossa Fábrica, o que nos obrigou a adquirir diversos prédios vizinhos, importando essas aquisições em um total de rs. 80.522\$000”.²⁶

Na tabela seguinte é possível avaliar as variações de cada conjunto, ativo imobilizado e estoques, tendo como base de comparação o comportamento total. A queda dos estoques até 1931 trata-se à utilização de produtos em estoque nas vendas. A queda final do ativo imobilizado refere-se, no entanto a paralisação dos investimentos aliado a depreciação que corroia o valor dos ativos já existentes. Nota-se através dos valores separados de cada composto do ativo imobilizado, uma queda mais substancial em termos de imóveis seguido por máquinas e acessórios.

As reduções de estoques de artefatos acabados e matéria-prima funcionaram como modo eficaz de minorar os efeitos da crise (metade da década de 1920), estes sujeitos a bruscas alterações de valor num período de instabilidade.

Já os posteriores acréscimos de estoques estão relacionados a aumentos da demanda dos produtos da empresa:

“Notareis sensível aumento em nossos estoques, aumento a que fomos levados também por essa necessidade de corresponder a grande procura que vem tendo nossos produtos.”

²⁷

²⁴ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 19 de Fevereiro de 1927, p. 1622)

²⁵ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 15 de Março de 1928, p. 2818)

²⁶ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22 de Março de 1925, p. 2345)

²⁷ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 28 de Fevereiro de 1935).

TABELA III. Ativo Imobilizado e Estoques – Souza Noschese

Ativo Imobilizado + Estoques								
	Imóveis	Máquinas	Móveis e utensílios	Matéria Prima	Artefatos em fabricação	Manufaturados	Estoques (Total)	Total
1920	627.000,00	300.000,00	10.437,80	0,00	0,00	2.489.701,69	2.489.701,687	3.427.139,487
1921	691.097,05	307.765,92	38.970,46	813.598,71	11.202,78	1.601.862,31	2.426.663,800	3.464.497,230
1922	888.875,62	568.464,81	33.602,50	519.103,85	178.092,42	368.331,34	1.065.527,610	2.556.470,540
1923	998.603,01	734.000,00	43.000,00	1.294.516,36	264.089,09	565.299,14	2.123.904,590	3.899.507,600
1924	1.352.058,33	883.321,67	46.500,00	1.494.868,34	356.196,57	81.261,27	1.932.326,175	4.214.206,171
1925	1.890.322,38	836.042,17	53.899,33	1.152.042,82	363.210,05	747.900,65	2.263.153,522	5.043.417,398
1926	2.120.824,37	977.966,22	61.536,86	930.592,87	308.026,77	648.087,36	1.886.707,003	5.047.034,447
1927	2.191.439,35	1.149.706,29	63.964,66	1.343.045,61	350.171,18	984.123,45	2.677.340,242	6.082.450,549
1928	2.298.904,357	1.459.151,776	77.047,770	1.086.495,100	488.754,160	919.726,644	2.494.975,904	6.330.079,807
1929	2.314.167,666	1.562.886,594	92.755,840	745.308,684	274.104,201	1.245.206,705	2.264.619,590	6.234.429,690
1930	2.370.096,666	1.593.349,394	89.089,570	532.750,000	194.130,200	770.680,600	1.497.560,800	5.550.096,430
1931	2.385.148,466	1.396.423,494	97.750,670	391.580,540	255.266,100	731.746,800	1.378.593,440	5.257.916,070
1932	2.412.386,366	1.400.931,394	78.152,870	567.780,408	322.012,916	624.550,286	1.514.343,610	5.405.814,240
1933	2.214.435,974	1.189.941,694	71.669,600	926.993,200	327.587,200	908.911,943	2.163.492,343	5.639.539,611
1934	1.528.663,763	974.803,900	74.735,700	1.655.156,223	361.204,622	1.404.248,706	3.420.609,551	5.998.812,914
1935	926.663,763	668.284,022	62.356,560	2.709.379,028	416.188,454	1.708.399,993	4.833.967,475	6.491.271,820
1936	415.270,938	453.335,544	50.685,248	2.273.689,331	533.162,073	1.915.016,901	4.721.868,305	5.641.160,035
1937	415.270,938	530.076,205	40.548,198	2.798.308,580	271.156,672	2.295.913,294	5.365.378,546	6.351.273,887

Fonte: Tabela elaborada pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

“Como vereis pelo próprio balanço, comparando-o com o do ano de 1928, continuam paralisadas as obras da Usina de Brumadinho e os estudos da Jazida S. Cristóvão. Aguardamos melhor oportunidade para prosseguir na execução daquelas obras e para terminar os estudos iniciados, que estavam sendo promissores. A filial de Santos, instalada em princípios do ano, apesar da situação anormal que atravessa aquela praça tem dado resultados que fazem esperar que corresponderá perfeitamente a nossa expectativa.”²⁸

A queda do valor do ativo imobilizado ao longo do tempo demonstra a influência negativa das paralisações em novos investimentos, assim como a depreciação de 10% ao ano sobre seu valor.

Em 1931, apesar do desenvolvimento dos negócios,

“[...] continuam suspensos os trabalhos que iniciáramos na Usina “Souza Noschese”. Não é, por certo, ainda oportuno desviarem capitais de nossa indústria, para invertê-los em empreendimentos que não são prontamente remuneráveis.”²⁹

No entanto, a partir de 1933, o acúmulo de reservas, fruto da recuperação iniciada a partir de 1931 dos negócios da empresa permitem que os investimentos sejam retomados, não somente como forma de expansão, mas como nota-se através do relatório a seguir, a necessidade de reforma de antigas instalações.

“As necessidades de nossa indústria, de par com o estado pouco satisfatório em que se encontrava a parte antiga do prédio de nossa fábrica, impunham-nos a urgência da construção de novas instalações e a reforma das antigas.”³⁰

²⁸ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 27 de Março de 1930).

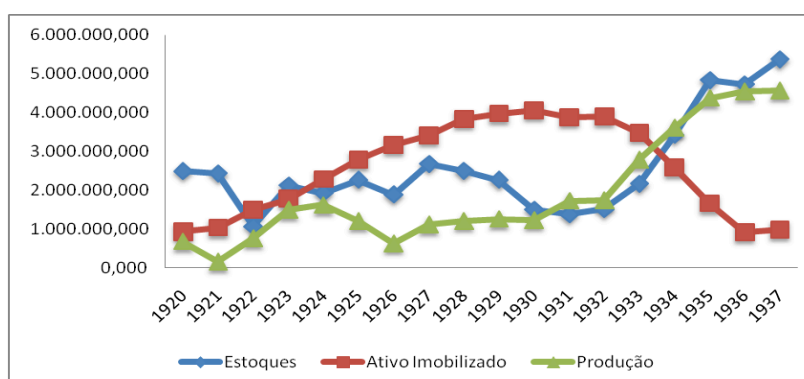
²⁹ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Fevereiro de 1932).

O incremento no capital social da empresa só veio a se concretizar em 1937, deliberada pela Assembléia extraordinária em Dezembro de 1924. Em meio as circunstâncias econômicas críticas, julgou-se inoportuno a elevação do capital, situação que perdurou até 1937.

“[...] fazendo-se sentir cada vez mais, a insuficiência do capital de 2.000:000\$000 diante do vulto de negócios da sociedade, principalmente tendo em vista a necessidade do desenvolvimento da exploração da jazida de ferro, de Brumadinho, foi efetivado o aumento para 4.000:000\$000 daquele capital, tendo sido aumento subscrito integralmente por antigos acionistas da Sociedade.”³¹

No entanto, através da análise dos indicadores da firma “Souza Noschese”, pode-se notar o movimento que indica um crescimento e investimento industrial durante toda a década de 1920, tendo a década de 1930 desfrutado, posteriormente aos impactos negativos da crise, de uma situação em que a produção industrial pode deslançar.

GRÁFICO III. Produção e Investimento



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

O que se pode concluir, através dessa evidência empírica, é que a indústria já vinha se desenvolvendo e crescendo durante a década de 1920, e o choque da Grande Depressão só veio a acelerar o processo, permitindo que a indústria tomasse o seu lugar prioritário como determinante da renda na economia.

Financiamento

Nota-se uma maior organização em termos de gerenciamento de contas para a “Souza Noschese” se comparada à grande maioria das outras empresas da época³². A distribuição dos

³⁰ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 20 de Fevereiro de 1934).

³¹ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 11 de Fevereiro de 1938).

³² Àquelas que tivemos contato durante a pesquisa.

lucros auferidos em fundos e a constante preocupação em, tanto garantir quantias necessárias a novos investimentos, quanto a reduzir a parcela de dívidas é clara.

“[...] É com satisfação que temos a notar a continuação da vantajosa situação financeira que, desde o ano de 1922, vimos mantendo.”³³

“[...] apesar das dificuldades correntes da falta de numerário, foi por nós sempre mantida a mais rigorosa pontualidade nos pagamentos”.³⁴

“[...] Fazendo uso, não só dos lucros desse exercício, como também de parcelas que anteriormente haviam sido reeditadas a lucros, e que vinha figurado como lucros suspensos, levamos a fundo de reserva a importância de 300.000\$000, elevando assim essa conta a 2.100:000\$000. Sensível redução também teve a parcela de títulos a pagar que de 1.414:286\$780 – com que figurou no balanço de 1930 – passou a 964:994\$450, no balanço atual.”³⁵

TABELA IV. Financiamento – Souza Noschese

Sociedade Anônima Comércio e Indústria "Souza Noschese"						
Anos	Saldo de lucros e perdas acumulado	Dívidas	Crédito	Reservas	Variação anual de reservas	
					Valor Absoluto	Variação
1920	72.234,000	2.206.325,020	760.497,180	-1.373.593,840	-848.461,000	-62%
1921	29.689,990	2.831.320,210	579.575,380	-2.222.054,840	774.282,230	35%
1922	318.492,210	2.018.615,570	252.350,750	-1.447.772,610	1.243.515,030	86%
1923	972.940,150	2.322.555,670	1.145.357,940	-204.257,580	1.427.665,672	699%
1924	1.681.600,877	1.982.364,965	1.524.172,180	1.223.408,092	-511.853,272	-42%
1925	1.804.639,336	2.028.632,171	935.547,655	711.554,820	-114.066,319	-16%
1926	1.802.100,004	2.161.814,346	957.202,843	597.488,501	-882.768,758	-148%
1927	1.865.820,456	3.324.752,139	1.173.651,426	-285.280,257	386.452,069	135%
1928	1.871.900,000	2.817.436,061	1.046.707,873	101.171,812	-311.368,868	-308%
1929	1.995.152,432	3.376.013,521	1.170.664,033	-210.197,056	711.308,460	338%
1930	2.065.368,402	3.474.287,626	1.910.030,628	501.111,404	585.709,418	117%
1931	2.142.113,241	3.058.030,977	2.002.738,558	1.086.820,822	410.807,892	38%
1932	2.304.032,037	2.958.832,454	2.152.429,131	1.497.628,714	-321.181,470	-21%
1933	2.302.465,869	4.027.176,732	2.901.158,107	1.176.447,244	-77.567,262	-7%
1934	2.300.315,187	4.485.392,155	3.283.956,950	1.098.879,982	-534.076,652	-49%
1935	2.308.369,261	5.903.920,275	4.160.354,344	564.803,330	1.116.481,411	198%
1936	2.370.133,972	4.424.232,270	3.735.383,039	1.681.284,741	1.714.428,280	102%
1937	3.134.438,303	2.998.970,368	3.260.245,086	3.395.713,021	-	-

Fonte: Tabela elaborada pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

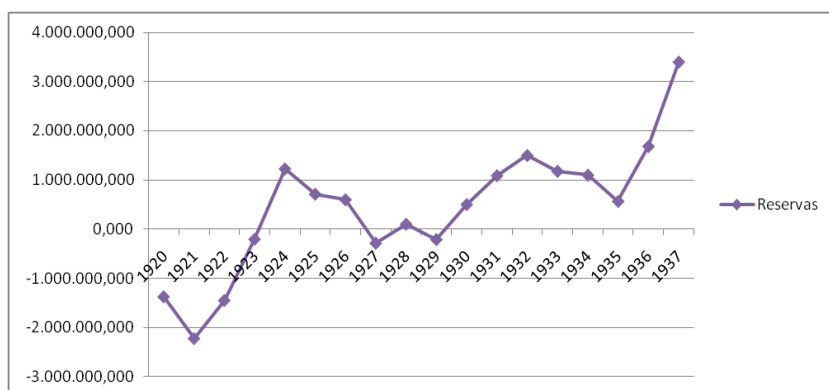
A empresa apresenta uma estruturação financeira saudável, apesar dos negócios, durante parte do período, estarem aquém do desejado. As reservas mantiveram-se a maior parte do tempo positivas, e são contabilizadas como a soma do saldo de lucros e perdas acumulado mais os valores em empréstimo, fontes de créditos e obrigações a pagar, subtraídos os valores credores.

³³ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 22 de Março de 1925, p. 2345)

³⁴ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Março de 1926, p. 2132)

³⁵ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Fevereiro de 1932).

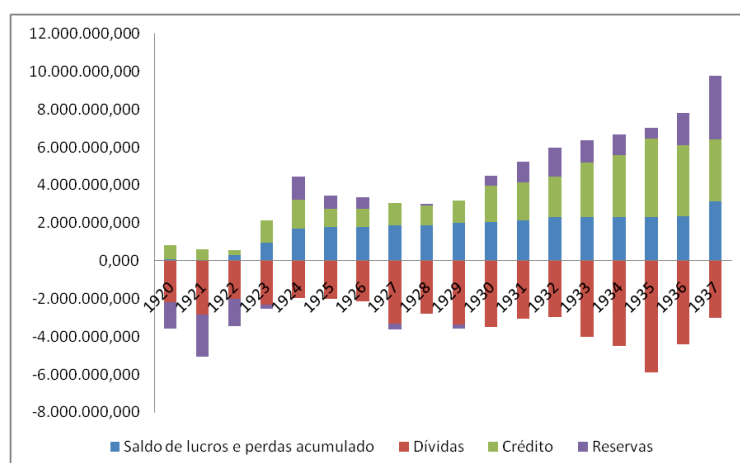
GRÁFICO IV. Reservas – Souza Noschese



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

O saldo de lucros e perdas somado ao crédito foi na maioria dos anos superior as obrigações a pagar, e, portanto, exceto para os anos 1920, 1921, 1922, 1927 e 1929, as reservas foram positivas.

GRÁFICO V. Financiamento



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

Somente em 1929 e 1930 dividendos não foram distribuídos, sendo que de acordo com o resultado de cada ano é que a empresa decidia a porcentagem de dividendos a ser distribuída. Em 1931 retoma-se o pagamento de dividendos com cautela, correspondente apenas a 5%, para os anos posteriores sempre a parcela de 10%.

“Mau grado as perturbações do mercado, foi bastante animador o movimento do exercício, [...] julgamos, entretanto, conveniente continuar a adotar a prática de não distribuir dividendos superiores a 10% - dando razoável retribuição ao capital empregado, ficamos em condições de aumentar nossas reservas, de maneira a fortalecer, ainda mais, a estrutura econômica de nosso estabelecimento. Seguindo a orientação que já nos

traçáramos anteriormente, aplicamos parte do lucro na amortização das parcelas de capital imobilizado, que constam do ativo de nosso balanço.”³⁶

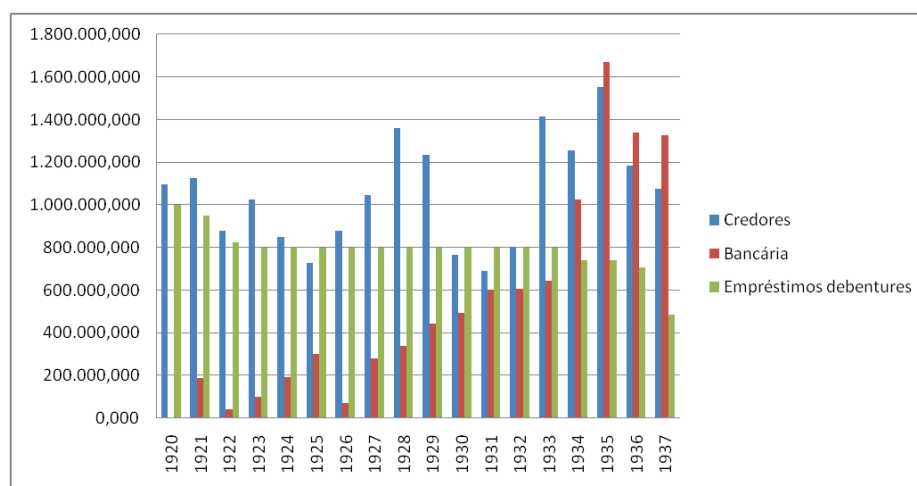
Grande parte dos lucros obtidos era transferida para fundos de reserva, que variavam de acordo com as necessidades. Um exemplo claro surge no balanço contábil de 1936 e de 1937 por constar um fundo para substituição de instalações. Pode-se supor, portanto, que a preocupação em investir era vigente, assim como a coordenação dos recursos para promover o crescimento.

Uma visão mais clara de como eram gerenciados os empréstimos, reservas e dívidas pode ser identificada a partir da leitura do relatório referente ao balanço do ano de 1936:

“Os lucros foram, como já vínhamos fazendo, em vários exercícios, aplicados em grande parte na amortização dos valores imobilizados do ativo. São reservas que se tornam indispensáveis, principalmente em nosso país e nesta época de transições econômicas bruscas e inesperadas. O empréstimo por debêntures reduziu-se de 1.000:000\$000 (mil contos de réis) a pouco mais de 700:000\$000 (setecentos contos de réis). Esperamos reduzi-lo ainda mais acentuadamente no corrente ano (1937).”³⁷

A visualização do gráfico a seguir permite ver a participação de cada componente de fornecimento de crédito. É possível notar que a rede bancária tem relativa importância e fica em papel de destaque especialmente pós-35.

GRÁFICO VI. Fontes de Crédito – Souza Noschese



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

O valor relatado no balanço referente ao ano de 1936 da redução do valor do empréstimo por debêntures não condiz com o dado demonstrado no registro para o ano anterior no valor de mil contos de réis, pois este valor se trata da parcela inicial do empréstimo contraído anteriormente ao ano de 1928, e que até este ano, já havia sido em parte amortizado.

³⁶ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 03 de Março de 1936).

³⁷ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 20 de Fevereiro de 1937).

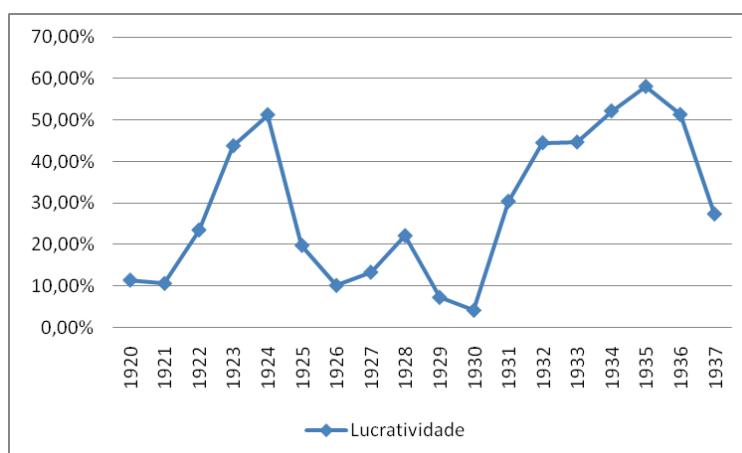
“[...] como havíamos previsto em nosso relatório de 1936, durante o exercício de 1937 foi amortizado mais uma considerável parcela desse empréstimo, que se acha agora reduzido a 485:500\$000, importância que será amortizada integralmente até 1940, vencimento do empréstimo de 1.000:000\$000.”³⁸

Ao tratar da questão do financiamento, esta empresa se diferencia da maioria das empresas da época por apresentar em seus balanços dados referentes à utilização de bancos como mediadores de transações de recebimento e pagamento de contas. Outro aspecto está relacionado com a conta empréstimos por debêntures, não tão comum em outros casos de análise.

Lucratividade

A queda brusca da lucratividade provinda da crise em meados da década de 1920 é notável, assim como os impactos da crise de 1929 e da Grande Depressão quando a recuperação apenas começara.

GRÁFICO VII. Índice de Lucratividade – Souza Noschese



Fonte: Gráfico elaborado pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

“[...] A crise de energia elétrica que tantos embaraços acarretou às indústrias de São Paulo, e a crise econômica que atravessa todo o País, foram as causas que determinaram a brusca interrupção da marcha ascensional que vinham seguindo os nossos lucros, e do considerável declínio que teve, nesse ano de 1925 a sua curva representativa.”³⁹

“[...] Como ides verificar, não foram vultosos os lucros obtidos: - E pouco exerceram a importância que distribuimos como dividendos, à razão de 10%. Distribuição esta que até a presente data nunca deixamos de fazer, desde a Constituição da Sociedade”.⁴⁰

Apesar desses momentos de pouca lucratividade, o impulso que este índice obteve desde o início da década de 1930 foi enorme. O processo de recuperação dos lucros

³⁸ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 11 de Fevereiro de 1938).

³⁹ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 14 de Março de 1926, p. 2132)

⁴⁰ (Diário Oficial do Estado de São Paulo, 15 de Março de 1928, p. 2818)

acompanhou uma elevação da produção, ou seja, venda dos produtos da empresa, como visto na seção que analisou os valores de produção.

TABELA V. Lucratividade

Sociedade Anônima Comércio e Indústria "Souza Noschese"			
Lucratividade			
Anos	Capital Nominal	Saldo de lucros e perdas do ano	Índice de lucratividade
1920	2.000.000,000	227.890,000	11,39%
1921	2.000.000,000	211.893,660	10,59%
1922	2.000.000,000	469.226,090	23,46%
1923	2.000.000,000	874.997,940	43,75%
1924	2.000.000,000	1.024.334,491	51,22%
1925	2.000.000,000	395.115,182	19,76%
1926	2.000.000,000	202.100,004	10,11%
1927	2.000.000,000	265.820,456	13,29%
1928	2.000.000,000	441.920,000	22,10%
1929	2.000.000,000	144.686,250	7,23%
1930	2.000.000,000	82.471,500	4,12%
1931	2.000.000,000	607.482,850	30,37%
1932	2.000.000,000	889.426,300	44,47%
1933	2.000.000,000	892.568,630	44,63%
1934	2.000.000,000	1.042.692,950	52,13%
1935	2.000.000,000	1.160.323,850	58,02%
1936	2.000.000,000	1.025.445,796	51,27%
1937	4.000.000,000	1.093.247,377	27,33%

Fonte: Tabela elaborada pela autora/ (Diário Oficial do Estado de São Paulo)

Considerações finais

A análise dos balanços da Sociedade Anônima “Souza Noschese”, indústria de produtos de ferro esmaltado, permitiu a identificação de algumas características que mostram a velocidade da diversificação e crescimento do setor metalúrgico no parque industrial paulista da época.

Primeiro cabe ressaltar a própria diversificação produtiva interna da firma, atuando não somente na produção, como na atividade de extração e comercialização, ultrapassando a barreira do Estado de São Paulo. Segundo, a preocupação eminente quanto à capacidade de realização de novos investimentos *pari passu* ao objetivo de tornar a indústria mais lucrativa, como exemplo o incremento do capital social da empresa.

Não menos importante, a utilização da rede bancária como mediadora das cobranças e pagamentos de títulos. Aspecto relativamente novo, tanto em comparação às outras empresas da época, quanto à própria característica do setor metalúrgico como incipiente frente ao grande parque industrial de São Paulo nas décadas de 1920 e 1930.

Finalmente, os dados aqui apresentados mostram que, como o relativo consenso na literatura abordada no que toca à periodização da atividade industrial, isto é, 1930 é um marco divisório para a transição de uma etapa de crescimento industrial para o processo de industrialização propriamente dita. A nosso ver, é inegável que a indústria já vinha crescendo e se diversificando durante a década de 1920, mas foi somente a partir da década de 1930 que o padrão de acumulação de capital no país se alterou.

Bibliografia

- AURELIANO, L. (1981). *No limiar da industrialização* (2ª ed. ed.). Campinas: IE/UNICAMP.
- BAER, W. (1970). *Siderurgia e desenvolvimento brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- BARROS DE CASTRO, A. (1972). *Industrialização descentralizada no Brasil*. In: A. BARROS DE CASTRO, *7 ensaios sobre a economia brasileira* (Vol. II). Rio de Janeiro: Forense.
- BARROS, J. R., & GRAHAM, D. H. (1981). A recuperação econômica e a desconcentração de mercado da indústria têxtil paulista durante a Grande Depressão: 1928/37. *Pesquisa e Planejamento econômico*, 11(1).
- CANO, W. (1977). *Raízes da concentração industrial em São Paulo* (4ª ed. ed.). Campinas: IE/UNICAMP.
- CARDOSO DE MELLO, J. M. (1986). *O capitalismo tardio, contribuição e revisão crítica da formação e desenvolvimento da economia brasileira* (10ª ed. ed.). Campinas: IE/UNICAMP.
- CARDOSO, F. H., & FALETTO, E. (1970). *Dependência e desenvolvimento na América Latina - ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- DEAN, W. (1971). *A industrialização de São Paulo* (4ª ed. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil.
- DEIC SAIC/SP Estatística Industrial do Estado de São Paulo, 1.-3.
- Diário Oficial do Estado de São Paulo. (s.d.).
- FISHLOW, A. (1972). Origens e consequências da substituição de importações no Brasil. *Estudos Econômicos*, 2. n.º. 6.
- FURTADO, C. (2007). *Formação Econômica da América Latina* (4ª ed. ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- FURTADO, C. (1959). *Formação Econômica do Brasil* (25ª ed. ed.). São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- HABER, S. (1991). Lucratividade Industrial e a Grande Depressão no Brasil: Evidências da Indústria Têxtil de Algodão. *Estudos Econômicos*, 21, n°2.
- HADDAD, C. (1978). *Crescimento do produto real no Brasil - 1900/1947*. Rio de Janeiro: FGV.
- HANLEY, A. (1998). A bolsa de valores e os financiamento de empresas em São Paulo, 1886-1917. *História econômica e história de empresas*, Vol. 1.
- HANLEY, A. (2004). Is it who you know? Entrepreneurs and Bankers in São Paulo, Brazil, at the turn of the twentieth Century. *Enterprise and Society*, vol. 5 n° 2.
- LEFF, N. H. (1982). *Underdevelopment and Development in Brazil* (Vols. I: Economic Structure and Change, 1822-1947.). London: George Allen & Unwin Ltd.
- LOVE, J. (1982). *A locomotiva: São Paulo na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- NICOL, R. N. (1974). A agricultura e a industrialização no Brasil (1850/1930). *Tese de doutoramento*. São Paulo: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, USP.
- PELÁEZ, C. M. (1972). *História da industrialização brasileira*. Rio de Janeiro: APEC.
- SAES, F. A. (1989). A controvérsia sobre a industrialização na Primeira República. *Estudos Avançados*, vol. 3, n° 7.
- SAES, F. A. (1981). *As ferrovias de São Paulo: 1870-1940*. São Paulo: Hucitec.
- SAES, F. A. (1986). *Crédito e bancos no desenvolvimento da economia paulista, 1850-1930*. São Paulo: IPE-USP.
- SILVA, S. (1976). *Expansão Cafeeira e origens da indústria no Brasil* (8ª ed. ed.). São Paulo: Alfa-Ômega.
- SIMONSEN, R. C. (1939). *Evolução Industrial do Brasil e outros estudos*. São Paulo: Editora Nacional.
- STEIN, S. (1979). *Origens e Evolução da Indústria Têxtil no Brasil - 1850/1950*. Rio de Janeiro: Campus.
- SUZIGAN, W. (1971). A industrialização de São Paulo: 1930-1945. *Revista Brasileira de Economia*, 25 n°3.
- SUZIGAN, W. (1989). *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: hucitec.
- TAVARES, M. d. (1998). *Acumulação de Capital e industrialização do Brasil*. Campinas: IE/UNICAMP.
- TAVARES, M. d. (1972). *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro*. Rio de Janeiro: Zahar.
- TRINER, G. D. (1994). *Banks and Brazilian Economic Development: 1906-1930*. Columbia: Columbia University.
- VERSIANI, F. R. (1987). *A década de 20 na industrialização brasileira*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES.
- VERSIANI, R., & VERSIANI, M. (1975). A industrialização Brasileira antes de 1930: uma contribuição. *Estudos Econômicos*, v5. n° 1.
- VILELA, A. V., & SUZIGAN, W. (1973). *Política do Governo e Crescimento da Economia Brasileira - 1889-1945* (3ª ed.). Brasília: IPEA.